

## **A Infância e o Brincar: a Descoberta de Muitos Segredos**

### **Childhood and Playng: Discovering Many Secrets**

Alzira Fabiana de Christo\*

\* Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Guarapuava - PR, 85015430,  
e-mail: fabizizi@hotmail.com

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar como o escritor Miguel Sanches Neto representa a infância e o brincar em seus contos. Em sua obra, o escritor aqui estudado enfatiza uma série de acontecimentos que envolvem a infância e destaca o quanto ele é fundamental para os desdobramentos futuros, assim, nossa reflexão, nesse texto, parte das brincadeiras e brinquedos resgatados pelo escritor a fim de pensarmos sobre a vida da criança na atualidade. A fundamentação teórica parte das obras de W. Benjamin, principalmente *Infância em Berlim por volta de 1900* (2011) e *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação* (2002), Giorgio Agamben, com *Infância e história: a destruição da experiência* (2005) e Anilde Silva, com “A infância e o brincar na era tecnológica: a escola em questão” (2012). A partir desses teóricos e por meio dos textos aqui analisados, vislumbra-se que a literatura de Miguel Sanches Neto questiona o tempo atual, em que o esfacelamento da experiência do brincar é marcante. Dentre outras questões, o escritor traz para as páginas de seus livros esse outro jeito de ser da criança e da infância: alguém que não é ingênuo e incompetente, mas inventivo, inquieto e transgressor, capaz de criar um mundo inserido no grande.

**Palavras-chave:** Infância; Experiência e Literatura Contemporânea.

**Abstract:** The aim of this study is analyze how the writer Miguel Sanches Neto represents childhood and play in his stories. In his work, the writer studied here emphasizes a series of events that involve childhood and emphasizes how fundamental it is for future developments, so our reflection in this text part from the games and toys rescued by the writer in order to think about the child's life today. The theoretical foundation is based on Walter Benjamin works, mainly *Infância em Berlim por volta de 1900* (2011) and *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação* (2002); the Giorgio Agamben book *Infância e história: a destruição da experiência* (2005) and the Anilde Silva article *A infância e o brincar na era tecnológica: a escola em questão* (2012). From these theorists and through the texts analyzed here, it is seen that Miguel Sanches Neto literature questions the current time, in which the shattering of play experience is remarkable. The writer brings to the pages of his books this other way of being of children and childhood: someone who is not naive and incompetent, but inventive, restless and transgressor, capable of creating a world inserted in the great.

**Keywords:** Childhood; Experience and Contemporary Literature.

Nos contos de Miguel Sanches Neto, a abordagem em relação à infância enfatiza uma série de acontecimentos que envolvem esse período da vida humana e destaca o quanto ele é fundamental para os desdobramentos futuros, assim, nossa reflexão nesse texto parte das brincadeiras e brinquedos resgatados pelo escritor a fim de pensarmos sobre a vida da criança na atualidade, já que ela é, conforme os pressupostos de Benjamin, uma produtora de cultura, um ser histórico, com quem temos muito a apreender.

“Pois tudo no pátio era para mim insinuação” (BENJAMIN, 2011, p. 125). Em “Loggias”, trigésimo sétimo texto de *Infância em Berlim por volta de 1900*, Walter Benjamin destaca o papel que os espaços percorridos por ele na infância exercem na vida adulta. Os espaços evidenciados por ele dizem respeito essencialmente aos lugares das brincadeiras, ao contato com a natureza, aos objetos que despertavam a imaginação, essa “insinuação” à qual o excerto alude. Conforme o filósofo, sejam as cortinas, seja o buraco de onde nascia a grande árvore do quintal, tudo era motivo para despertar a imaginação do menino Benjamin: “às vezes, punha-me a refletir sobre o que acontecia no buraco negro donde saía o tronco” (BENJAMIN, 2011, p. 125). Esse resgate do tempo da brincadeira, da autonomia, do risco, era também o tempo em que as crianças se introduziam no universo dos adultos e passavam a conhecer o mundo.

Atualmente, o brincar vem se modificando e a principal crítica dessa mudança diz respeito ao afastamento das crianças das atividades lúdicas e criativas, que tem a imaginação e a mímese como características principais. Na sociedade contemporânea, o brincar está muito mais ligado a recintos fechados em que os mais sofisticados equipamentos tecnológicos são predominantes e substituem as brincadeiras ao ar livre. Esse brincar que ocorre excessivamente a partir de objetos plastificados, segundo Silva (2012), afasta a criança da construção da memória da infância, aquela que, através da construção de histórias liga o passado ao presente preparando o futuro. Segundo a pesquisadora:

Há uma nítida sensação de que o brincar está se transformando em mero fast food, onde o objeto de brincar “plastificado” e robotizado supre momentaneamente o desejo de brincar e logo em seguida passa a ser substituído por outro desejo, não permitindo a construção da memória da infância (SILVA, 2012, p. 15).

A literatura de Miguel Sanches Neto, contudo, contribui para a reflexão sobre esse processo pelo qual a infância contemporânea está passando. Isto é, por meio do resgate de brincadeiras e brinquedos de outros tempos, o escritor questiona o tempo atual, em que o esfacelamento da experiência do brincar é marcante. Pode-se dizer que naquilo que o adulto encontra desrazão, absurdo e insesatez, o escritor aqui estudado encontra sabedoria. Miguel Sanches Neto resgata o próprio espaço das suas brincadeiras, o jeito da criança brincar nas pequenas cidades, e encontra nessas brincadeiras a possibilidade de imaginar, criar e transgredir. Por meio desse passado, o escritor problematiza o presente, é o que acontece, por exemplo, no conto “Jogar com os mortos”, de *Então você quer ser escritor?* (2011) em que o protagonista resgata um acontecimento marcante da infância em que fica bastante nítida toda a relação que a criança estabelece com o brincar. A narrativa de “Jogar com os mortos” fala de um time de futebol criado pelos meninos pobres da cidade. O time surgiu devido a um desentendimento entre a mãe de Capitão, um menino pobre, e o técnico do 14 de Novembro, conforme o excerto a seguir:

Tudo porque resolveram zombar de nosso amigo. É que ele, por não ter outras, estava usando as camisas do uniforme pra sair. E elas ficaram desbotadas. As camisas dos demais jogadores continuavam novinhas, mas as dele se esgarçaram. Então o técnico brincou que com pobre é mesmo difícil de lidar, querem tirar vantagem de tudo. E falou que daria uma das camisetas dos reservas, mas que Capitão não podia mais usar fora do campo. Todo mundo riu e ele jogou mal naquele treino. No outro dia, a mãe dele foi ao clube devolver o uniforme, passado e cheirando a alecrim. Levou também a chuteira e as meias. O técnico não quis aceitar, ela apenas disse que não criara filho pra ser humilhado (EVSE, p. 1<sup>1</sup>48-149).

A partir desse episódio, Capitão reuniu seus amigos e montou um time de futebol para participar do campeonato da cidade, o desejo do menino é criar “Um time que seja de combate” (EVSE, p. 149). Eles não tinham nenhuma infraestrutura: nem local para treinar, nem bola, nem uniformes. Contudo, o conto mostra o quanto esses desafios são importantes para os meninos. Por meio da união dos amigos e pelo desejo de ganharem o campeonato, eles transgridem o mundo em que vivem – o da escassez de bens materiais – e começam a conquistar o que necessitavam,

---

<sup>1</sup> Todas as citações do livro *Então você quer ser escritor?*, de Sanches Neto referem-se a: SANCHES NETO, Miguel. *Então você quer ser escritor?* Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2011. E serão referenciadas apenas com a abreviatura (EVSE) e com a indicação da página.

ainda que algumas vezes tenham que se adaptar e substituir os objetos, como é o caso do crânio, que eles roubam do cemitério para ser a bola, já que não tinham condições de ter uma. O que se sobressai no conto é a união dos amigos e a forma como eles tiveram que lutar por cada conquista do time, seja o espaço para treinar, a bola, o uniforme e o título do campeonato. Em “Jogar com os mortos” é possível afirmar que Miguel Sanches Neto mostra a capacidade que a criança tem de criar seus jogos mesmo sem a intervenção de adultos ou de produtos oferecidos pela indústria do brinquedo. O excerto a seguir demonstra o trabalho que os meninos tiveram, o quanto cada um trabalhou e como tudo isso é conquista e aprendizado:

O mais fácil foi arrumar a sede, na chácara do Italiano. Ele não cedeu de graça, e desconfio que Capitão nem quisesse. A gente teve que roçar o pasto tomado de mato graúdo. Todo dia, depois do almoço, a equipe descia pra chácara e trabalhava animada com a foice. Uns iam limpando o pasto e outros preparavam o campo. Medimos o terreno e, como não havia tinta para fazer as marcas, tudo foi desenhado com enxadão, cortando a grama e deixando a terra vermelha aparecer, como se fosse um rego. Pegamos na cerealista uns sacos de palha de arroz e espalhamos naquelas divisas. Com madeiras da chácara, fizemos as traves e dois bancos grandes, um de cada lado do campo. Um paiol abandonado nas imediações serviu de abrigo. A gente lavou as paredes e as tábuas do chão, cada um trouxe um móvel velho de casa, e surgiu uma placa de aço, onde estava escrito vestiário. Acho que foi afanada da escola. Mas ninguém comentou nada. Capitão pregou a placa na porta no dia em que acabamos de roçar o pasto (EVSE, 149 -150).

As atividades desempenhadas pelos meninos demonstram criatividade e imaginação, característica primordial das brincadeiras infantis saudáveis, além disso, todo o processo de interação, diálogo e competências para participar do campeonato resultou em história e conseqüentemente em memória. “Jogar com os mortos” é uma história contada por um jovem que relembra esse acontecimento da infância, o que nos autoriza a afirmar que as brincadeiras e brinquedos resgatados por Miguel Sanches Neto se contrapõem aos brinquedos plastificados da atualidade em que as crianças não precisam dispensar imaginação nem criatividade, pois eles já vem prontos, com todos os detalhes sofisticados, o que não exige que a criança dedique e desempenhe um processo de criação, algo fundamental para o seu desenvolvimento. Ao mesmo tempo, por não produzir diálogo e criatividade, a criança de hoje não produz histórias e, conseqüentemente, se afasta cada vez mais da possibilidade de produzir memórias. Miguel Sanches Neto, contudo, traz para as

páginas de seus livros, esse outro jeito de ser da criança e da infância: alguém que não é ingênuo e incompetente, mas inventivo, inquieto e transgressor, capaz de criar um mundo inserido no grande, conforme as proposições de Walter Benjamin. Em uma sociedade calcada na sabedoria do adulto, que desencoraja a criança de imaginar e criar associações ou estabelecer semelhanças, os contos de Miguel Sanches Neto enfatizam a capacidade natural das crianças de usar metamorfoses múltiplas, o que as afasta do mundo adulto, o qual já perdeu essa capacidade devido ao seu ajustamento à realidade e às convenções, bem como o potencial libertador que tem a palavra. Conforme Giorgio Agamben (2005), uma possibilidade para uma outra forma de vida hoje, mais humana, seria recuperar a palavra ou algo que nela esteja perdido e essa linguagem a ser alcançada é a linguagem infantil. A infância, nesse sentido, é a expressão de crítica à contemporaneidade, pois ela é a recuperação da pura expressão em uma sociedade de “casas de vidro”, conforme afirma Benjamin (1994, p. 117), material sem aura, liso, duro, frio, em que nada se fixa. A criança é exatamente a contraposição a este modo de estar no mundo em que o vidro é o material representante, isto é, no contexto da sociedade capitalista em que tudo se cristaliza, a criança por sua vez, tudo absorve. Devido a sua incapacidade de falar determinadas palavras ou por não conhecer determinados objetos e imaginar (criar), por meio da brincadeira a criança cria associações e significados desconhecidos da cultura: a criança cria re-significados históricos, deste modo, por produzir cultura, a linguagem infantil é uma possibilidade de fazer uma outra História. Miguel Sanches Neto recupera essa linguagem infantil em sua estética literária, seja por meio das sensações, dos brinquedos, dos sabores, do olhar; sua linguagem está muito próxima da linguagem da criança, que, na ruína encontra a possibilidade de reconstrução, com isso, pode-se dizer que o escritor traz para suas páginas um jeito diferente de olhar o cotidiano e nos mostra um outro modo de fazer a História: aquela que reconhece nas pequenas coisas – fragmentos – a junção do todo – a totalidade.

Benjamin em vários fragmentos da sua obra mostra como o quintal onde brincamos é o espaço dos “achadouros” e revolvê-lo pode dizer muito da História como um todo. O filósofo alemão rompe com a postura evolucionista que considera a vida humana como períodos sucessivos e lineares, para ele, a vida é um entrecruzamento de temporalidades: passado, presente e futuro. O passado não é neutro, ele está no presente e pode provocar mudanças futuras. Partindo desse

mesmo princípio, a infância não se esgota em seu tempo vivido, mas é resignificada no adulto por meio da rememoração.

Em um outro conto intitulado “Noções Básicas”, extraído de *Hóspede secreto* (2003) o brinquedo é o mote para a rememoração da infância. A história do homem de quarenta anos que não compra uma pipa para o filho, mas a constrói em casa, ainda que hoje este brinquedo seja um produto bem em conta, nos diz muito sobre a história e sobre a infância. Essa recuperação dos brinquedos tradicionais como o jogo de bola, pipa e outros, que Miguel Sanches Neto traz para suas obras, são brinquedos e brincadeiras que possuem um caráter de interação, desenvolvendo experiências para a construção da identidade infantil, estimulando a criatividade, a imaginação e a fantasia: o brincar é o momento em que a criança experimenta diferentes situações e vivencia distintas etapas de maturidade.

A partir da narrativa de “Noções Básicas” é também possível discutir sobre o efeito colateral que a transformação do brinquedo industrializado trouxe: o distanciamento entre adultos e crianças. Se antes os brinquedos eram peças construídas artesanalmente em um processo que ligava pais e filhos, hoje não há mais necessidade desse diálogo na produção do objeto de brincar. O protagonista de “Noções Básicas”, contudo, retoma esse modo de produção artesanal do brinquedo e constrói a pipa com o filho. Sua atitude ocorre justamente porque o brinquedo remonta a um triste episódio de sua infância e ele não quer que o filho seja submetido aos mesmos sofrimentos. Por meio da infância do filho, ele retoma a sua própria infância e consciente do sofrimento infantil, ele não repete os mesmos atos dos adultos da época em que fora criança. O protagonista de “Noções Básicas”, ao lembrar um episódio da sua infância, não repete os mesmos erros anteriores, ele preza por dialogar com o filho ao construir o brinquedo e, por meio de sua atitude, não despreza e nem ignora o sofrimento infantil. Em *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação* (2002) Benjamin, ao afirmar que o brincar é sempre libertação, não exclui o adulto. Conforme as palavras do filósofo:

Conhecemos aquela cena da família reunida sob a árvore de Natal, o pai inteiramente absorto com o trenzinho de brinquedo que ele acabou de dar ao filho, enquanto este chora ao seu lado. Não se trata de regressão maciça à vida infantil quando o adulto se vê tomado por um tal ímpeto de brincar. Não há dúvida que o brincar significa sempre libertação. Rodeados por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio;

mas o adulto, que se vê acochado por uma realidade ameaçadora, sem perspectivas de solução, liberta-se dos horrores do real mediante a sua reprodução miniaturizada (BENJAMIN, 2000, p. 85).

Ao falar sobre a necessidade do adulto de brincar, ou melhor, de miniaturizar a sua própria condição, Benjamin afirma que essa atitude ocorre devido a uma exigência do mundo ameaçador em que estamos inseridos. O que o adulto quer às vezes, diante de tantos problemas, é se libertar, seja dos pensamentos ou das ações, e o meio que encontra para tal libertação é ser conduzido para o universo da infância, em que os sofrimentos também existiam, mas que o olhar em relação ao mundo era outro. Há um ditado popular que afirma que as crianças enxergam o mundo com “óculos cor de rosa”, isso quer dizer que, por mais problemas que tenham, que por mais que estejam em condições de precariedade, elas conseguem sonhar, fantasiar e transgredir o espaço em que estão inseridas. É nessa perspectiva que o adulto, em alguns momentos, quer voltar para o universo da infância: todos queremos, ainda que por alguns instantes, voltar a usar o “óculos cor de rosa”. Em alguns momentos, a impressão que temos é a de que somente com ele conseguiremos dar conta dos problemas do nosso tempo. No caso específico de “Noções Básicas” a rememoração de um acontecimento da infância convergirá para uma série de reflexões: tanto diz respeito ao diálogo e relação que o pai quer estabelecer com o filho, ele preza por essa relação, uma relação que ele não teve quando criança, quanto à questão de que há uma necessidade por parte do adulto de lembrar, ele consegue perceber que superou aquele sofrimento da infância, tanto no plano material quanto espiritual. Ele venceu a pobreza, ele consegue estabelecer uma outra relação com o filho, uma relação de diálogo, de afeto, que preza pelo contato, inclusive por optar em construir o brinquedo que hoje é um produto barato, conforme o narrador afirma: “Poderia comprar uma pipa pronta economizando meu tempo. Mas faço questão de ensinar. Construir pipas tem um sentido especial para mim. [...] Ensinar esse pequeno ofício para Pedro é mais um trabalho de memória” (HS, p. 119)<sup>2</sup>. Esse trabalho de memória ao qual o narrador se refere diz respeito à necessidade que ele tem de lembrar do acontecimento da infância o que ocorre devido a vários motivos, mas o que nos atrai atenção é que o narrador-protagonista,

---

<sup>2</sup> Todas as citações do livro *Hóspede secreto* de Sanches Neto referem-se a: SANCHES NETO, Miguel. *Hóspede secreto*. Rio de Janeiro: Record, 2003. E serão referenciadas apenas com a abreviatura (HS) e com a indicação da página.

inclusive devido à memória que tem dos fatos, não repete os mesmos erros. Suas atitudes em relação à infância são outras o que aponta para o que Benjamin afirma: a importância de revolvermos os acontecimentos da infância para não repetirmos os mesmos erros que outros cometeram. Essa atitude de resgatar pequenos acontecimentos conduziria a uma mudança da própria História uma vez que os erros cometidos no passado não seriam repetidos no presente e uma nova sociedade poderia se formar.

Em outro conto de Miguel Sanches Neto podemos vislumbrar os brinquedos, trata-se de “Manga verde com sal”. Nesse conto, contudo, o escritor apresenta a narrativa por meio da voz da própria criança: Roberto é quem narra a sua história e conta os questionamentos de uma criança de nossa época, que vive em uma cidade grande, mora em um edifício e se relaciona com poucas pessoas, nenhuma da sua faixa etária ou que esteja na infância. Em relação ao que faz na cidade grande o menino afirma:

Tomo um copo de água e vou pra sala de tevê, tranco a porta, abro bem a janela e fico olhando os edifícios. A janela dá pra piscina do prédio vizinho, pena que moramos no décimo andar, mas neste Natal pedi um binóculo pro pai. Pra que binóculo?, ele quis saber. Por causa dos passarinhos no parque; da janela da lavanderia dá pra ver o parque, eu disse e ele se comoveu. Este menino está precisando passar uns dias no interior. E agora estamos aqui, na casa da vó, mas o pai não me deu um binóculo não, achou que ia me agradar mais comprando uma bicicleta nova, a minha tinha ficado pequena, e me levou no fim de semana antes da viagem pra passear no parque, eu circulando o lago, os bestalhões jogando pedaços de pão pros patos, coisa mais sem graça ficar andando de bicicleta ali, o pai com o jornal dele no banco, depois disse pra mãe que precisava ficar mais tempo comigo, aquela tarde tinha sido ótima (EVSE, p. 90-91).

Em “Manga verde com sal” há uma série de questões que envolvem a infância na atualidade, dentre elas: a) A mudança de espaço da infância: se antes as brincadeiras ocorriam em lugares abertos, agora elas se dão em parques construídos artificialmente; b) As crianças brincam com brinquedos altamente sofisticados, mas estão sozinhas, apenas observando os outros e não dialogando, se confrontando, etc; c) Em relação ao adulto e a criança, as mudanças são visíveis, pois cada um exerce uma atividade: enquanto o menino anda de bicicleta, o pai lê o jornal, ações completamente distintas que demonstram afastamento entre eles; d) O consumo de brinquedos e a necessidade de consumir produtos mesmo que a criança ainda não

esteja preparada para tal atividade. Durante a narrativa de “Manga verde com sal” a idade do menino não está presente, mas imagina-se que ele tenha entre 6 e 8 anos, fase em que as crianças comumente aprendiam a andar de bicicleta. Roberto por sua vez, já ganhou a segunda bicicleta, o que demonstra o consumo em excesso e as necessidades que a indústria do brinquedo cria: na atualidade, é costume corrente as crianças ganharem a primeira bicicleta por volta dos dois anos, fase em que mal aprenderam a andar.

A narrativa de “Manga verde com sal” enfatiza também a solidão da criança na atualidade: ela não tem irmãos, ela vive somente entre adultos, os pais dão pouca atenção a ela e quando se voltam para a criança é somente para repreendê-la. Em uma passagem do conto o menino afirma: “O que não mata engorda, fala o pai, sempre longe de tudo. Tem momento que isso é bom, como agora; tem momento que é ruim, porque daí ele nem nota a gente” (EVSE, p. 92). O pai não é o único a repreendê-lo, a mãe, em praticamente todas as vezes que aparece no conto, é para chamar a atenção do menino em relação à sujeira da roupa, alimentação correta, etc, mas nunca de forma afetiva, carinhosa ou estabelecendo um diálogo sobre os interesses do menino. A única pessoa que estabelece uma relação mais carinhosa com Roberto é a avó Alice. É ela que tem paciência com seu jeito criança, é com ela que Roberto prepara as refeições, que o ensina a cortar os alimentos. É a avó Alice, inclusive, que o compreende sempre em que ele é repreendido pela mãe. Todas essas observações da narrativa apontam para a relação que os adultos estabelecem com a infância na atualidade. Tomados pelas preocupações do dia a dia, com os afazeres e compromissos, em grande parte das vezes os pais dispensam pouca atenção aos filhos, isso porque, geralmente, devido ao próprio ritmo da sociedade, sobra pouco tempo para si e para a família, o que resulta em certa solidão da criança.

Em livro intitulado *A solidão da criança* (2008), Francesco Tonucci, pesquisador italiano sobre infância, discute várias questões que envolvem a vida na infância hoje. Tonucci, como o próprio título do seu livro anuncia, dá ênfase à solidão da criança na atualidade e fala sobre essa espécie de orfandade que atinge crianças e adolescentes nos dias de hoje. São crianças que possuem todos os bens materiais imaginados, mas desconhecem a frustração, a perda e as impossibilidades que envolvem a existência humana. São crianças que enfrentam poucos limites, que durante as brincadeiras não se confrontam com o diferente e com as regras, pois são

carentes de “de companhia, de confrontos, de conflitos e de ajuda no interior da família” (TONUCCI, 2008, p. 26), principalmente nas grandes cidades em que os espaços não pertencem mais às pessoas nem às crianças, e sim aos carros, às sirenes, ao ar poluído, à violência e ao medo. Às necessidades da criança e da infância, o autor acrescenta:

Sair sozinho, encontrar-se com um amigo, inventar juntos uma brincadeira, mudar as regras, brigar se for necessário, e voltar para casa, isso tudo é uma experiência fundamental para o crescimento social e cognitivo da criança de quatro ou cinco anos. Mas hoje isso é difícil mesmo para um menino de dez anos ou uma menina ainda mais velha. Fora de casa não existe mais o mundo fascinante do pátio, da calçada, das plantas e dos animais do parque. Existe o perigo, a proibição (TONUCCI, 2008, p. 48).

O pesquisador afirma também que antigamente não havia espaços especiais para as brincadeiras, os espaços eram aqueles que não serviam aos adultos ou que eles deixavam para as crianças, como por exemplo os quatinhos de bagunça, as escadas, os barrancos, as beiras dos rios, as construções, lugares onde as crianças passavam o tempo “livre” sem ser controlado. Segundo ele, a liberdade e a privacidade são indispensáveis à brincadeira. Contudo, hoje, esses espaços “deixados” para as crianças desapareceram e um dos motivos é a especulação imobiliária que anulou a generosidade dos adultos, pois devido a ela, os espaços são intensivamente utilizados o que faz com que não fiquem livres para as crianças. Segundo Tonucci: “Acabou-se a generosidade dos adultos e os primeiros a pagar são as crianças” (TONUCCI, 2008, p. 60). Além disso, existe um controle muito grande em relação às brincadeiras, e as crianças só podem fazer o que os adultos permitem: não podem se sujar, não podem pegar frutas senão mancham as roupas, como ocorre com Roberto de “Manga verde com sal”; do mesmo modo, além dos espaços serem delimitados, a fantasia também o é uma vez que os brinquedos colocados nas praças e parques são objetos pensados e delimitados pelos adultos, sem pensar na real necessidade das crianças ou no brincar livremente. Além disso, muitas vezes o brincar é visto como uma atividade menos importante o que é evidenciado por meio das máximas utilizadas por pais e professores quando dizem: “brincar somente depois das atividades”, “não é hora de brincar” ou “brincar somente com jogos educativos”. Para Silva (2012), essas frases que permeiam o ambiente familiar e escolar confirmam o mito de que o brincar tem se tornado cada

vez mais desnecessário, supérfluo e que contraditoriamente se propaga como essencial para a criança. Conforme a pesquisadora, a partir dessa visão, o brincar fica separado das coisas consideradas sérias e extremamente dependente dos objetos de brincar industrializados cada vez mais sofisticados.

Em “Manga verde com sal” há também a discussão de outra protagonista na educação das crianças: a televisão. Ao observarmos o início do último excerto citado do conto, vamos ver que o menino está na sala de televisão. Para Tonucci, hoje, além dos espaços destinados para as crianças serem inadequados, o tempo da criança é todo preenchido por atividades que se colocam como necessárias: é escola, pintura, música, esporte, catecismo, etc e não resta tempo e espaço para si próprio. E quando sobra um tempo ele é dispensado para a televisão e o computador. Segundo o pesquisador:

O pouco tempo livre que sobra à criança é da televisão. A televisão assume um papel importante na relação entre criança solitária e seus pais: é sua babá, a sua companheira de brincadeiras. E, como sempre fizeram as babás, a televisão comunica à criança a sua proposta, a sua filosofia, e o faz mais com as propagandas que com seus programas (TONUCCI, 2008, p. 70).

Nossa sociedade preza muito mais o lazer direcionado pela televisão, o vídeo game e os jogos de controle remoto do que para atividades lúdicas, como o brincar nas ruas. Dentre outros agravantes, essas atividades são mais individualizadas, ameaçando as interações sociais – muitas crianças passam horas interagindo somente com as máquinas. Além disso, nessa relação com a televisão, a criança é transformada em consumidora, em compradora, que não faz uso de seu dinheiro, mas dos adultos que estão à sua volta, adultos estes que sofrem e se sentem culpados pela solidão da criança e que, devido a isso, se tornam reféns – como as crianças – do consumo de artigos e brinquedos que estão longe de suprir as necessidades do desenvolvimento da infância.

Conforme Silva (2012) com o desenvolvimento cada vez mais acirrado da indústria do brinquedo e dos jogos, as crianças se tornaram além de consumidoras em potencial, manipuladas por esses objetos uma vez que não são mais elas quem criam as regras e manipulam a brincadeira, ao contrário, as regras já vem prontas e basta somente executar. Deste modo, características básicas dos brinquedos estão se perdendo: manipular, imaginar, criar e explorar são deixadas de lado. Para Silva

(2012): “A criatividade, imaginação é substituída no brinquedo que já vem pronto, que faz todo o processo imaginativo com a tecnologia” (SILVA, 2012, p. 22). Nessa perspectiva, as experiências infantis com os brinquedos industrializados se resumem somente ao consumo e não à imaginação e à criatividade. Em “Manga verde com sal” Roberto é a representação dessa criança – menino ou menina – que está submetido a este mundo impessoal que é oferecido às crianças nos dias de hoje. Ele tem pouca atenção dos pais, é filho único, não tem amigos nem crianças para se relacionar nas brincadeiras, assiste à televisão, o espaço a que ele tem direito é delimitado, enfim, uma série de questões que se contrapõem ao jeito de ser das crianças de “Jogar com os mortos” e “Noções Básicas”, narrativas em que as crianças brincavam livremente e criavam, por meio da imaginação e criatividade, os seus próprios brinquedos; para as infâncias desses contos, a indústria do brinquedo praticamente inexistia.

Walter Benjamin no texto “História cultural do brinquedo”, extraído de *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação* (2002), falou sobre a industrialização do brinquedo. Conforme Benjamin: “Ninguém é mais casto em relação aos materiais do que as crianças: um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha reúnem na solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras”. E continua a dizer: “Ao imaginar para crianças bonecas de bétula ou de palha, um berço de vidro ou navios de estanho, os adultos estão na verdade interpretando a seu modo a sensibilidade infantil” (BENJAMIN, 2002, p. 92). Conforme a perspectiva defendida por Benjamin ao longo de sua obra, a criança se interessa pelos materiais mais simples e faz deles matéria de composição para suas brincadeiras, para a criatividade e a imaginação. É desnecessário ficar criando brinquedos sofisticados para as crianças pensando que isso irá ajudá-la em seu desenvolvimento, justamente porque o melhor para a infância são os brinquedos mais simples, para que elas possam depositar suas expectativas e explorar da forma como lhes for agradável. Em seu texto, Benjamin destaca também que a criança é somente resultado da cultura em que está inserida, elas não constituem nenhuma comunidade isolada, mas fazem parte de um povo e uma classe. Deste modo, os brinquedos com os quais elas brincam não dão testemunho de uma vida autônoma e segregada, “mas são um mudo diálogo de sinais entre a criança e o povo” (BENJAMIN, 2002, p. 94). Conforme a perspectiva do teórico, a criança é um ente cultural e os objetos utilizados por ela, inclusive seus

brinquedos, dizem muito da sociedade em que estão inseridas. Nesse sentido, a análise por meio dos brinquedos e brincadeiras presentes nos contos de Miguel Sanches Neto nos permite uma leitura sobre a sociedade atual e vida da criança nesse contexto, conforme demonstramos a partir dos contos “Jogar com os mortos”, “Noções Básicas” e “Manga verde com sal”.

Em outro artigo intitulado “Brinquedos e jogos” Benjamin afirma: “Quando um poeta moderno diz que para cada um existe uma imagem em cuja contemplação o mundo inteiro submerge, para quantas pessoas essa imagem não se levanta de uma velha caixa de brinquedos?” (BENJAMIN, 2002, p. 102). Para Benjamin, existe um produto do sistema em que as gerações não estão dissociadas e este produto é o brinquedo, ou seja, por meio do brinquedo é possível estabelecer relações, cumplicidade e diálogo. Nesse sentido, juntos, brincando, é possível a descoberta de muitos segredos.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Rua de mão única*. Trad. Rubens R. T. Filho e José C. M. Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011. (Obras escolhidas v. II)
- NETO, Miguel Sanches. *Então você quer ser escritor?* Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Hóspede secreto*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003.
- SILVA, Anilde Tombolato Tavares da. *Infância, experiência e trabalho docente*. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Marília, 2007.
- SILVA, Anilde Tombolato Tavares da. “A infância e o brincar na era tecnológica: a escola em questão”. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino/UNICAMP - Campinas – 2012. Disponível em: [http://www.infoteca.inf.br/endipec/smart/templatetemplates/arquivos\\_template/upload\\_arquivos/acervo/docs/2028c.pdf](http://www.infoteca.inf.br/endipec/smart/templatetemplates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/2028c.pdf), acessado em 07/11/2017.
- TONUCCI, Francesco. *A solidão da criança*. Trad. Maria de Lourdes Tambaschia Menon. Campinas-SP: Autores Associados, 2008.

Data de recebimento: 07/11/2017  
Data de aprovação: 23/08/2019